

# EMERGÊNCIA DA FUNÇÃO REPORTATIVA NA CRIANÇA

LEONOR SCLiar CABRAL

## CORPUS

## Criança

Adulto

3

C—Ah! Conta que papai  
matou a cobra.

1. m ↑

2

2. 'ξ →

L—O papai matou uma  
cobra, é?

1 2 1 2 3 1 2 1 3

3. -pa' to a' si 'ba:→ a' poba 'ba:→

C—Conta pra D. Leonor  
que o papai matou.  
O que é que o pai  
matou?

1 2 1 2 3 2 1

4. pa' pay ba' tew a'tšlu ↓

1 2 3 2 1

5. ba' tew a'kara 'deli ↓

2

6. 'ξ →

L—Mas, como é que foi?

C—Onde foi? Conta.  
Onde?

1 2

7. mo' ew →

1 2 3 1

8. pa' pay pi' go ↓

- L—Ah! Com o martelo, ah! 9. <sup>2</sup> 'ĕ →
- C—E o que aconteceu com a cobra? 10. <sup>1 2 1 0 3</sup> ka'iw az u'fāw ↑
- C—Ê 11. <sup>2</sup> 'pes...
- C—Ê 12. <sup>1 2 1 2 3</sup> a'pɔba ka'iw ufāw ↑ 'bû ↓
- C—E a cobra morreu? 13. <sup>1 2 3 2 1</sup> ba'tew a'kuka ↓
- L—m: : E era...
- L—E era uma cobra malvada? m: 14. <sup>1 2 3 2 1</sup> pa'pay 'nāw 'pɔdi ↓
- C—Você não quer que o papai bata na cobra? 15. <sup>2</sup> 'nāw →
- L—Por que? Você gosta de cobra? 16. <sup>1 1</sup> 'gɔsta ↓
17. <sup>1 2 1 2 1</sup> ba'to a 'poba ↑
18. <sup>3 1</sup> mo'ew ↓
19. <sup>2</sup> 'ĕ →

Dia da gravação: 14/XI/1975  
Idade: 23m 21d  
Fase: EME 3, aproximadamente.

## 1 — Introdução

A presente comunicação é uma amostragem de exploração de um texto que se situa dentro da Psicolinguística Desenvolvimentista (1), tal qual a definiu D. McNeill em seu artigo "Developmental Psycholinguistics" in *The Genesis of Language*, ed. F. Smith e G. A. Miller, Cambridge, The M. I. T. Press, 1966, p. 1.

(1) "The aim is to develop a theory of language acquisition that will be consistent with linguistic theory and will cover the facts of acquisition as they are now known". McNeill, D. "Developmental Psycholinguistics" in *The Genesis of Language*, ed. F. Smith e G. A. Miller, Cambridge, The M. I. T. Press, 1966, p. 1.

tal Psycholinguistics", como a corrente que procura enquadrar os dados empíricos observados no desenvolvimento da linguagem infantil dentro de uma teoria lingüística.

No caso em espécie, trata-se de um micro corpus constituído de 19 enunciados que integram uma unidade temática ou tópico, colhidos de uma criança de 23 meses e 21 dias, na fase de extensão médica (EME) de aproximadamente 3.0, na situação de muda de roupa após o banho, estando presentes a educadora do berçário e a pesquisadora. A teoria lingüística com a qual se procura explicar a gramática da criança é a gramática dos casos de C. J. Filmore (2). Além da análise estrutural, fazem-se observações sobre o que caracteriza a emergência da função reportativa na criança.

## 2 — Razões da escolha da gramática dos casos

Dentre as várias possibilidades de explanação da gramática da criança, podem ser tentados marcos teóricos que vão, para exemplificar, desde as correntes do estruturalismo funcional (3), da gramática das classes pivô e em aberto (4), da gramática gerativo-trans-

(2) Filmore, C. J. — "The Case for Case" in *Universals in Linguistic Theory*, eds. E. Bach e R. T. Harms, N. Y. etc., Holt, Rinehart, and Winston, Inc., 1968.

Ib. — "Verbs of Judging: an Exercise in Semantic Description" in *Studies in Linguistic Semantics*, ed. C. J. Filmore e D. T. Langendoen, N. Y., Holt, Rinehart and Winston, 1971, p. 273-290.

(3) Weir, R. H. — *Language in the Crib*, The Hague, Mouton, 1962.

(4) Braine, M. — "The Ontogeny of English Phrase Structure: the First Phase", *Language*, 1963, 39, p. 1-13.

Brown, R. e Fraser, C. — "The Acquisition of Syntax", in *Verbal Behavior and Learning*, eds. C. N. Cofer, B. S. Musgrave, N. Y., McGraw Hill, 1963.

Brown, R. e Bellugi, U. — "Three processes in the Child's Acquisition of Syntax", in *Psycholinguistics, selected papers by R. Brown*, N. Y., The Free Press, 1970, p. 75-99.

Ib. — "The Acquisition of Syntax", in *The Acquisition of Language*, eds. U. Bellugi e R. Brown, Monogr. Soc. Res. Child Develop., 1964, 29, I, p. 43-79.

Ib. — "Explorations in Grammar Evaluation" in *T A of L*, op. cit., p. 79-92.

Miller, W. e Ervin, S. M. — "The Development of Grammar in Child Language", in *T A of L*, op. cit., p. 9-34.

formacional (nas suas diferentes fases) (5). Optamos pela gramática dos casos, filiando-nos à corrente dos psicolinguistas que consideram que os componentes das relações expressas nos enunciados das crianças são conceitos semânticos tais como os de "agente", "objeto", "localização", "instrumento", "dativo" etc., mais do que as noções de sujeito e predicado (6). Nossa adesão à corrente supracitada parte da observação de que muito antes de estarem estruturados os marcadores de frase em que as relações entre os constituintes FN, AUX e FV estejam definidas, a criança já demonstra possuir categorias semânticas tais como a Modalidade (M), que se aplica já nos enunciados holofrásticos, e alguns casos, cuja compreensão se infere pelas respostas dadas aos enunciados dos adultos e, cuja produção, embora não marcada em aberto por preposições, se depreende pela concorrência dos traços semânticos entre V e N, no caso dos enunciados de dois itens, ou entre T e SF (vide 4. 8. 2), ou pela relação enunciada/situação e/ou enunciado recebido.

### 3 — Emergência da função reportativa

#### 3.1 Modelos sobre as funções da linguagem

A literatura lingüística e psicolingüística tem apresentado modelos sobre as funções da linguagem cada vez mais detalhados. A partir da abordagem de K. Bühler (7) até as mais recentes contribuições, particularmente aquelas que se dedicam a explicar os aspectos específicos que elas assumem na linguagem infantil, tudo indica que restam ainda possibilidades de novas descobertas neste campo.

Citemos, por exemplo, além do modelo de K. Bühler, o de R. Jakobson (8), o de A. Martinet (9), o de D. Hymes (10) e os de B.

(5) Bloom, L. — *Language Development, Form and Function in Emerging Grammars*, Cambridge, The M. I. T. Press, 1973.

(6) Bowerman, M. — *Early Syntactic Development*, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1973.

Schlessinger, I. M. — "Learning Grammar: from Pivot to Realization Rule", in *Language Acquisition: Models and Methods*, eds. R. Huxley e E. Ingram, London, Academic Press, 1971, p. 79-93.

(7) Bühler, K. — *Teoria del Lenguaje*, Madrid, Rev. del Occidente, 1950, cap. 1 §§ 2 e 3.

(8) Jakobson, R. — *Lingüística e Comunicação*, S. P., Cultrix, 1969, p. 118-162.

(9) Martinet, A. — *Elementos de Lingüística Geral*, Lisboa, Livr. Sá da Costa, 1964, p. 6-7.

(10) Hymes, D. — "The Ethnography of Speaking", in *Readings in The Sociology of Language*, The Hague, Mouton, 1968, p. 99-138.

Bowerman, B. Blount e K. Kernan (11). Enquanto o 1.º, girando em torno das pessoas do discurso, apresenta as funções expressiva (1.ª pess. do discurso), como a que funciona como sintoma das condições do emissor; a apelativa (2.ª pess. do discurso), como aquela que opera modificações sobre o interlocutor e a representativa (3.ª pess. do discurso), como a que difere a linguagem humana das demais espécies, o modelo de D. Hymes (seguido por L. Bloom para explicitar os eventos e funções da linguagem), aperfeiçoando o de R. Jakobson, coloca como variáveis da comunicação lingüística, a forma da mensagem, o código, o canal, o emissor, o receptor, o tópico e o contexto situacional.

Julgamos ainda frutífero explorar os modelos lingüísticos e etnolingüísticos, no sentido de observar a emergência das funções da linguagem correlacionada com a maturação da criança, tal como foi tentado por R. H. Weir, ou como indicam R. Hopper e R. C. Naremore e L. Bloom (12).

Consideramos que as primeiras fases de aquisição da linguagem se caracterizam pelo uso de funções que podem ser englobadas sob o item de performativas (13). Pelo fato de as pessoas do discurso não estarem estruturadas nas fases de EME 1.0, 1.5, 2.0, e 2.5, as funções clássicas conhecidas como expressivas ou emotiva (primeira pessoa do discurso) e a apelativa ou conativa (segunda pessoa do discurso) se encontram confundidas. A chamada função expressiva ou emotiva funciona como proiçamento das manifestações anímicas, como em "dodói"; a função apelativa ou conativa funciona também em torno do atendimento das necessidades imediatas da criança; a função metalingüística aparece na nomeação, no sentido da descoberta do contexto circundante da criança, tanto lingüístico como extralingüístico, como em "esse sabão" /'esi a'bãw/;

(11) Slobin, D. J. — "Universals of Grammatical Development in Children", in *Advances in Psycholinguistics*, eds. C. B. Flores D'Arcais e W. J. Levelt, Amsterdam, 1970.

(12) Hopper, R. e Naremore, R. C. — *A Practical Introduction to Communication Development, Children's Speech*, N. Y., Harper & Row Publisher, Inc., 1973, p. 61.

Bloom L. — op. cit., p. 18 a 23.

(13) "Gruber (1967 b) caracterizou alguns destes enunciados iniciais como performativos e os enunciados mais tardios como reportativos"... "As orações performativas são aquelas que não atribuem nenhuma característica ao tópico das sentenças, mas, em vez disso, são usadas para exigir ou indicar. Estas sentenças são uma verbalização do que a pessoa faz através do enunciado e na ocasião do enunciado. (Ross, no prelo)", in Menyuk, P., *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem*, trad. de G. P. Witter, e L. S. Cabral, para editora Pioneira (no prelo), cap. "A Aquisição da Sintaxe".

a função contactante aparece nas chamadas, nas despedidas, nos cumprimentos, como em "oi"; cabe dar ênfase à função lúcida, pre-núncio da poética, conforme as observações de R. M. Weir (14).

### 3.2 Razões da emergência tardia da função reportativa

A função reportativa é aquela através da qual o indivíduo transmite a outros estados de consciência, independentemente de informações extralingüísticas fornecidas pelo contexto circundante, ou pela experiência comum compartilhada pelos integrantes do ato da comunicação. A finalidade principal é transmitir tais conteúdos de consciência e não a de atuar sobre o ambiente, como nas fases, precedentes. Diz-se, então, que o indivíduo utiliza instrumentos predominantemente lingüísticos para se comunicar e não depende do contexto imediatamente circundante para fazê-lo.

Do exposto depreende-se que nas fases iniciais de aquisição da linguagem (fase holofrástica de EME 1.0 e as subseqüentes de EME 1.5, 2.0, 2.5), a criança não está em condições de utilizar a função reportativa.

No entanto, é preciso esclarecer que esta impossibilidade se insere no processo global de maturação psico-fisiológica e de socialização, do qual assinalaremos alguns aspectos que nos parecem mais pertinentes:

#### 3.2.1 Especialização das funções do sistema nervoso central

Para exemplificar, citaremos o papel da memória, quer a imediata, quer a longo prazo. Isto diz respeito à impossibilidade inicial da criança de internalizar e reter imagens (15); à impossibilidade de seqüencializar mais do que aquilo que a sua maturação permite (restrições quanto à extensão do enunciado, e destes dentro de uma unidade temática ou tópico; restrições quanto ao número

(14) Weir, R. — "Thus Chao (1951) says: "There is occasional intentional playing with language... The resulting syllables are usually not expected to make sense" (p. 40). Or Kaper (1959) talks of the use of words for pleasure by the young child (p. 22). Ohnesorg (1947) also confirms the play with words as do Jespersen (1922) and Stern (1928). The latter two, however, go further when they mention the child's predilection for rhythm, rhyme, and alliteration", in *L in the C*, op. cit., p. 102.

(15) Slobin, D. I. — "In this regard, Schachtel makes two major points: (1) The child has no schemata, no internal interpretive framework, for the preservation of his very earliest memories. (2) Those schemata which he learns in childhood are not appropriate for the interpretation or re-coding of his early experience", in *Psycholinguistics*, Glenview, Illinois, Scott, Foresman and Co., 1971, p. 107.

de regras, do ponto de vista hierárquico, para gerar cadeias muito complexas, isto é, restrições quanto às possibilidades de relacionamento sintagmático (16). Diz respeito, também, à impossibilidade de sistematizar os paradigmas da língua e de retê-los, o que explica, de um certo modo, a emergência tardia das flexões na criança (17).

#### 3.2.2 Especialização das funções do sistema periférico

Cabe observar que a maturação opera inter-relacionada e não podemos dissociar a especialização das funções periféricas, das centrais. Neste sentido, é interessante assinalar a coincidência entre a fraca discriminabilidade, em termos acústicos, dos functivos ou gramemas (preposições, conjunções, marcas de número, gênero, pessoa, tempo, modo, aspecto) dos atualizadores (determinantes) e a sua pequena carga semântica, no sentido denotativo (servem a significações puramente gramaticais).

#### 3.3 Incorporação dos sistemas semiológicos e o processo de socialização

A incorporação dos sistemas semiológicos, do qual destacaremos o lingüístico, é um processo que se dá rapidamente, mas nunca antes de a criança estar madura. Existe uma contradição aparente entre a rápida aquisição dos sistemas lingüísticos (aspecto ontogenético) e o processo lento e coletivo em que foram sendo elaborados (aspecto filogenético).

Enquanto a criança ainda não está madura para incorporar o sistema pleno da língua, utiliza estratégias para se comunicar: ainda se encontra num universo indiferenciado em que o eu não se opõe ao cosmos; está no centro dos acontecimentos e tudo deve convergir para o atendimento de suas necessidades imediatas; não tem passado nem futuro; só existe o aqui e o agora. As estratégias de que se utiliza a criança consistem em tirar o máximo rendimento dos pequenos enunciados que é capaz de emitir, usando uma sintaxe que consiste em relacionar tal enunciado com a situação à qual se refere. Ela se faz entender desde que as pessoas estejam atentas às informações fornecidas pela situação. À medida que madura e entra no processo de socialização, vai incorporando o instrumental lingüístico que lhe possibilitará liberar-se da situação imediatamente circundante para se comunicar.

#### 3.4 Aspectos estruturais da fase anterior à emergência da função reportativa

(16) *Ib.* — "Furthermore, Bellugi-Klima's examples of imitation suggest that the child cannot imitate structures which he is not yet capable of producing on his own", in *Psycholinguistics*, op. cit., p. 59.

(17) Bowerman, M. — "Most obligatory functors were still omitted", in *ESD*, op. cit., p. 144.

Resumindo, as características estruturais dos enunciados que precedem a emergência da função reportativa são:

1 — inexistência de seqüencialização de vários enunciados dentro de um unidade temática ou tópico;

2 — extensão média do enunciado (EME) 1.0, 1.5, 2.0 e 2.5, sucessivamente, de modo a limitar o relacionamento das categorias cognitivas em jogo, tornando os enunciados extremamente ambíguos;

3 — do ponto de vista semântico, existe uma aderência ao contexto imediatamente circundante, o que leva a supor que a classificação dos semas que sistematizam internamente a experiência do mundo dos objetos ainda não se operou: a criança, nesta fase, é dependente das informações que lhes fornecem os denotados à vista, para se comunicar.

3.1 Dentre as categorias semânticas presentes nesta fase, podem ser citadas:

3.1.1 a modalidade, ou seja, M, sob as seguintes formas: nomeação ou designação, pergunta, negação, ênfase, ordem, desejo, posse; aspecto (acabado vs. não-acabado, iteração); observe-se a ausência da categoria de tempo;

3.1.2 a predicação, ou seja, P, que se desdobra em V + C. Dentre os casos presentes nesta fase, podem ser mencionados o agentivo, o dativo, o objetivo, o efetivo, o locativo, embora não apareçam realizados por morfemas em aberto e sim pelos traços semânticos que coocorrem entre os itens a partir dos enunciados de EME 2.0, ou entre T e SF, ou entre os itens e a situação, mesmo nos enunciados holofrásticos.

4 — Estilo telegráfico, isto é, ausência de functivos ou gremas (preposições, conjunções, marcas de número, pessoa, tempo, modo, auxiliares, atualizadores, afixos formadores de palavras), salvo os de aspecto.

5 — Alto rendimento informativo (utilização de contentivos ou lexemas).

6 — Ausência de recursividade.

7 — Pessoas do discurso não estruturadas (isto se refere aos pronomes pessoais, às marcas verbais de pessoa, aos possessivos e déicticos que giram em torno das pessoas do discurso).

4 — Análise de um texto reportativo

O texto que comentaremos se caracteriza pelos seguintes aspectos:

4.1 Unidade temática ou de tópico

Num texto de 19 enunciados, a criança consegue se manter dentro da mesma temática, "papai matou a cobra".

4.1.1 Seqüencialização ordenada

O texto está subdividido em duas partes, a primeira, de 1 a 7, e a segunda, de 8 a 19. A primeira parte se caracteriza pelo relato, com ênfase no aspecto referencial; a segunda se caracteriza pelo

relato com ênfase na modalidade, ou seja, o modo como a criança se relaciona com o episódio.

4.2 Participantes e eventos do tópico, ausentes, espacial e temporalmente. Utilização da 3.ª pessoa do discurso dentro da função reportativa, ou seja, o ser de quem ou de que se fala.

4.3 Retenção do episódio, formalizado dentro de esquemas lingüísticos, salvo algumas incursões de onomatopéias e palmas. O episódio pode ser reportado, mediante solicitação.

4.4 Posicionamento da criança em relação ao episódio, formalizado lingüisticamente.

4.5 Do ponto de vista estrutural, são dignas de nota:

4.5.1 a emergência de uma preposição plena para indicar o possessivo (enunciado 5) e de preposição incipientes, na forma de vogais (enunciados 5, 10, 11, 13).

4.5.2 a emergência do artigo definido *a* (enunciados 1, 12, 17).

4.6 Análise dos enunciados

3

1. m tem a função metalingüística de pedir ao interlocutor para repetir o enunciado.

2

2. 'E → tem função confirmativa depois de uma pergunta tag.

1 2 1 2 3  
3. pa'to a'si 'ba:→

a'p)ba 'ba:→  
1 2 1 3

observe-se que o enunciado 3 é uma resposta depois de várias perguntas: *como? onde?* Demonstra que a criança já compreende *como?* e primeiro responde a esta pergunta. Ao analisarmos a estrutura deste enunciado, desprezaremos as onomatopéias.

1. S → M + P
2. M → Asp + Infraj + Afirm
3. P → V + C
4. C → A + D
5. A → 3.ª pess. sing.
6. D → Det + 'p)ba
7. Det → a
8. V → ma'ta
9. Asp → acabado
10. Infraj → a'si
11. Afirm → /12... 21 /

4.  $\begin{matrix} 1 & 2 & & 1 & 2 & & 3 & 2 & 1 \\ \text{pa}' & \text{pay} & & \text{ba}' & \text{tew} & & \text{a}' & \text{te} & \text{lu} \end{matrix}$

1.  $S \rightarrow M + P$
2.  $M \rightarrow \text{Asp} + \text{Afirm}$
3.  $P \rightarrow V + C$
4.  $C \rightarrow A + I$
5.  $A \rightarrow \text{pa}' \text{pay}$
6.  $I \rightarrow \text{a}' \text{te} \text{lu}$
7.  $V \rightarrow \text{ba}' \text{te}$
8.  $\text{Asp} \rightarrow \text{acabado}$
9.  $\text{Afirm} \rightarrow /12 \dots 21 /$

5.  $\begin{matrix} 1 & 2 & & 3 & & & 2 & 1 \\ \text{ba}' & \text{tew} & & \text{a}' & \text{kara} & & \text{'deli} \end{matrix}$

1.  $S \rightarrow M + P$
2.  $M \rightarrow \text{Asp} + \text{Afirm}$
3.  $P \rightarrow V + C$
4.  $C \rightarrow A + L (\text{Poss})$
5.  $A \rightarrow 3.^\text{a} \text{ pess. sing.}$
6.  $L (\text{Poss}) \rightarrow \text{a}' \text{kara} \text{'deli}$
7.  $V \rightarrow \text{ba}' \text{te}$
8.  $\text{Asp} \rightarrow \text{acabado}$
9.  $\text{Afirm} \rightarrow /12 \dots 21 /$

6.  $\begin{matrix} 2 \\ \text{'e} \end{matrix} \rightarrow$  Igual ao enunciado 2.

7.  $\begin{matrix} 1 & 2 \\ \text{mo}' & \text{ew} \end{matrix} \rightarrow$

1.  $S \rightarrow M + P$
2.  $M \rightarrow \text{Asp} + \text{Afirm}$
3.  $P \rightarrow V + C$
4.  $C \rightarrow D$
5.  $A \rightarrow 3.^\text{a} \text{ pess. sing.}$
6.  $V \rightarrow \text{mo}' \text{e}$
7.  $\text{Asp} \rightarrow \text{acabado}$
8.  $\text{Afirm} \rightarrow /12 \rightarrow /$

(Fim da 1.ª parte, encerrada com "morreu").

8.  $\begin{matrix} 1 & 2 & & 3 & 1 \\ \text{pa}' & \text{pay} & & \text{pi}' & \text{go} \end{matrix}$

1.  $S \rightarrow M + P$

2.  $M \rightarrow \text{Asp} + \text{Afirm}$
3.  $P \rightarrow V + C$
4.  $C \rightarrow A + O$
5.  $A \rightarrow \text{pa}' \text{pay}$
6.  $O \rightarrow (\text{a}' \text{p}/\text{ba})$
7.  $V \rightarrow \text{pi}' \text{ga}$
8.  $\text{Asp} \rightarrow \text{acabado}$
9.  $\text{Afirm} \rightarrow /12 \dots 31 \downarrow /$

( / ) indica que o constituinte foi apagado ou reduzido.

9.  $\text{'\xi} \rightarrow$  O mesmo que 2. Observe-se, porém, que o afirmativo  $\text{'\xi}$  não possui marca de aspecto. Embora a pergunta tenha sido formulada no imperfectivo, a resposta é  $\text{'\xi}$ .

10.  $\begin{matrix} 1 & 2 & & 1 & o & 3 \\ \text{ka}' & \text{iw} & & \text{az} & \text{u}' & \text{f\`aw} \downarrow \end{matrix}$

1.  $S \rightarrow M + P$
2.  $M \rightarrow \text{Afirm} (\text{interromp}) + \text{Asp}$
3.  $P \rightarrow V + C$
4.  $C \rightarrow D + L$
5.  $D \rightarrow 3.^\text{a} \text{ pess. sing.}$
6.  $L \rightarrow \text{u}' \text{f\`aw}$
7.  $V \rightarrow \text{ka}' \text{i}$
8.  $\text{Asp} \rightarrow \text{acabado}$
9.  $\text{Afirm} (\text{interromp}) \rightarrow /12 \dots 3 \downarrow /$

Observe-se a interrupção do enunciado pela partícula *az*.

11.  $\begin{matrix} 2 \\ \text{'pes} \dots \end{matrix}$

1.  $S \rightarrow M + P$
2.  $M \rightarrow \text{Asp} + \text{Afirm} (\text{interromp})$
3.  $P \rightarrow V + C$
4.  $C \rightarrow A$
5.  $A \rightarrow 3.^\text{a} \text{ pess. sing.}$
6.  $V \rightarrow \text{fa}' \text{ze}$
7.  $\text{Asp} \rightarrow \text{acabado}$
8.  $\text{Afirm} (\text{interromp}) \rightarrow /2/$

12.  $\begin{matrix} 1 & 2 & 1 & & 2 & & 3 \\ \text{a}' & \text{po} & \text{ba} & & \text{ka}' & \text{iw} & \text{u}' & \text{f\`aw} \downarrow \end{matrix}$

Estrutura idêntica a 10, com exceção da reescrita de:

$D \rightarrow \text{Det a'p)ba}$

13.  $\begin{matrix} 1 & 2 & 3 & 2 & 1 \\ \text{ba}' & \text{tew} & \text{a}' & \text{kuka} & \end{matrix}$

Estrutura idêntica a 5, com exclusão de (Poss).

14.  $\begin{matrix} 1 & 2 & 3 & 2 & 1 \\ \text{pa}' & \text{pay} & \text{'nāw} & \text{'p)di} & \downarrow \end{matrix}$

1.  $S \rightarrow M + P$
2.  $M \rightarrow \text{Aux} + N + \text{Asp}$
3.  $P \rightarrow (V/C) + C$
4.  $C \rightarrow A$
5.  $A \rightarrow \text{pa}'\text{pay}$
6.  $\text{Aux} \rightarrow \text{po}'\text{de}$
7.  $\text{Asp} \rightarrow \text{nāo-acabado}$
8.  $N \rightarrow \text{'nāw}$

(V/C) — ba' te a' kuka, cf. enunciado precedente.

15.  $\begin{matrix} 2 \\ \text{'nāw} \end{matrix}$  Confirmativo, depois de uma pergunta.

16.  $\begin{matrix} 1 & 1 \\ \text{'g)sta} & \downarrow \end{matrix}$  Confirmativo, depois de uma pergunta.

17.  $\begin{matrix} 1 & 2 & 1 & 2 & 1 \\ \text{ba}' & \text{to} & \text{a'p)ba} & \downarrow \end{matrix}$

Estrutura idêntica a 3, com exclusão do Infrajec. Note-se a variação  $p \sim b$  em ba' to

18.  $\begin{matrix} 3 & 1 \\ \text{mo}' & \text{ew} \downarrow \end{matrix}$  Estrutura idêntica à 7, que finaliza a primeira parte do texto. Aqui também está finalizando a segunda parte.

19.  $\begin{matrix} 2 \\ \text{'ξ} \rightarrow \end{matrix}$  Confirmativo.

#### 4.7 Regras do texto

1.  $S \rightarrow \left\{ \begin{matrix} M \\ M + P \end{matrix} \right\}$

2.  $M \rightarrow \left\{ \begin{matrix} \text{Afirm} \\ Q \\ N \\ \text{Confirm} \end{matrix} \right\} (\text{Aux}) \text{ Asp (Infrajec)}$

3.  $\text{Asp} \rightarrow \left\{ \begin{matrix} \text{Acabado} \\ \text{Inacabado} \end{matrix} \right\}$

4.  $P \rightarrow V + C$

5.  $C \rightarrow \left\{ \begin{matrix} A \left\{ \begin{matrix} O \\ I \\ L \text{ (Poss)} \end{matrix} \right\} \\ (A) ( (\text{Det}) D) \left\{ \begin{matrix} L \\ O \end{matrix} \right\} \end{matrix} \right\}$

Significação dos símbolos:

S — sentença	Aux — auxiliar
M — modalidade	Asp — aspecto
P — proposição	Infrajec — infrajectivo
Afirm — afirmativa	V — verbo
Q — interrogativa	C — caso
N — negativa	
Confirm — confirmativa	

A — agentivo (instigador animado da ação identificada pelo verbo)

O — objetivo (semanticamente, o caso mais neutro, o caso de qualquer coisa representável por um nome cujo papel na ação ou estado identificados pelo verbo seja identificado pela interpretação semântica do próprio verbo.

I — instrumental (força ou objeto inanimados casualmente envolvidos na ação ou estado identificados pelo verbo)

Poss — possessivo (identifica o possuidor)

D — dativo (identifica o ser animado afetado pelo estado ou ação identificados pelo verbo) (18).

— indica reescritura

colchetes — indicam que um dos símbolos categoriais ou item deve ser escolhido

parênteses — indicam opcionalidade

parênteses cruzados = indicam escolha de um dos símbolos ou de ambos, mas obrigatoriamente de um deles.

#### 4.8 Alguns comentários sobre a gramática depreendida

##### 4.8 Alguns comentários sobre a gramática depreendida

###### 4.8.1 Critérios para estipular a EME

Para estipular a extensão média do enunciado (EME), surgem alguns problemas teóricos ainda não satisfatoriamente resolvidos.

O primeiro deles diz respeito à unidade mínima a ser considerada.

Resolvemos adotar o seguinte critério: para efeito de cálculo da EME, consideramos como unidade mínima a palavra, comprovada do ponto de vista semântico, sintático e fonológico. Quanto ao último aspecto, cabe ressaltar que os cortes ou interrupções, determinados pelos limites à seqüencialização de enunciados maiores, o são entre palavras.

No entanto, não podemos deixar de considerar a existência de unidades menores, na depreensão da gramática, já que, discordando da maioria dos pesquisadores da área (19), encontra-se estruturada, de forma produtiva nas crianças por nós observadas, a categoria de

(18) Filmore, C. J. — "The Case for Case", op. cit., p. 24-25, salvo o Poss.

(19) Slobin, D. I. — "Strictly speaking, the "word" is not a unit of linguistic analysis, because a word can be made up of one meaningful unit (e. g. "swim"), or two (e. g., "swimmer"), or three (e. g., "swimmers"), and so on. That is, there are prefixes and suffixes which themselves carry meaning. For our general purposes here, however, we will think of words as minimal units of meaning (cf. the classical linguistic notion of "morpheme"), ignoring the thorny linguistic issues connected with this simplification", in *Psycholinguistics*, op. cit., p. 69.

aspecto, marcada por sufixo verbal. Cabe observar, ainda, que em virtude das peculiaridades da língua portuguesa, cujo sistema verbal é sumamente flexivo, muitos casos (agentivo, dativo), vêm marcados, às vezes, só pelo sufixo verbal. Na língua portuguesa, tais categorias não precisam vir marcadas obrigatoriamente por Nome.

Outro problema diz respeito ao fato de que no diálogo, principalmente nas respostas a perguntas, como é o caso das confirmações, o enunciado, em geral, é constituído de um item. Isto também ocorre na linguagem do adulto e não serve para cálculo da EME. Por exemplo, no texto em exame, dos 19 enunciados, 8 são constituídos de um só item, mas isto não quer dizer que a criança se encontre predominantemente na fase de EME 1.

#### 4.8.2 Estrutura do verbo no português

Para uma melhor compreensão da gramática depreendida, convém reexaminar a estrutura do verbo no português, conforme a lição de J. Mattoso Câmara Jr. (20).

Assim, teríamos a estrutura T (R + VT) + SF (SMT + SNP), interpretada como radical mais vogal temática, mais sufixo modotemporal, mais sufixo número-pessoal, sendo os dois últimos cumulativos.

Observa-se, ainda, no presente do indicativo (imperfectivo) e no pass. 2 (perfectivo), na língua portuguesa, que o sufixo modotemporal e o de pessoa e número ficam cumulados. Assim, nos enunciados 3, 4, 5, 7, 8, 10, 13, 17 e 18 aparece o perfectivo aplicado produtivamente nos verbos:

pa'ta — ba'ta      ba'te      ka'i  
pi'ga              mo'e

Depreendemos a seguinte regra de alomorfia:

$$\begin{array}{l} | W | \rightarrow \begin{array}{l} \emptyset \quad 'o \leftarrow ('a) \\ \quad \quad 'e \\ \quad \quad 'i \end{array} \\ \quad \quad w \end{array}$$

(20) Mattoso Câmara Jr., J. — "Para o Estudo Descritivo dos Verbos Irregulares", in *Estudos Linguísticos*, rev. bras. de Linguística Teórica e Aplicada, S. P., Centro de Linguística Aplicada, vol. I, 1966, p. 16 a 27.



Ocorre, ainda, no texto, o verbo irregular (raiz forte) 'pes, (fazer).

O imperfectivo (presente do indicativo), neste texto, não aparece produtivamente, pois só ocorre uma vez em 'gosta, com o sufixo modo-temporal e o de pessoa e número representados cumulativamente por Ø.

Para finalizar, cumpre observar que a fixação de um episódio e sua formalização lingüística estão na dependência direta do impacto emocional que o mesmo causou à criança.